

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE CAMPO GRANDE/MS-BRASIL E INFLUÊNCIA NO CLIMA LOCAL

Anúnciação, Vicentina Socorro

Mestranda UNESP/FCT

Sant'Anna Neto, João Lima Prof^o Dr. Orientador UNESP/FCT

Palavras-Chave: Clima-Urbano-Campo Grande

vique56@hotmail.com

O município de Campo Grande, com 8.118,4 km² está localizado geograficamente na porção central de Mato Grosso do Sul, ocupando 2,27% da área total do Estado. Sua sede está nas imediações do divisor de águas das bacias dos rios Paraná e Paraguai, definida pelas coordenadas geográficas 20°26'34" latitude sul e 54°38'47" longitude oeste. Possui dois distritos: Anhanduí e Rochedinho. Tem como municípios limítrofes Jaraguari (norte); Nova Alvorada do Sul (sul); Ribas do Rio Pardo (leste); Sidrolândia (oeste).

Campo Grande está situado no topo levemente ondulado da Serra de Maracaju, com altitude média de 600m acima do nível do mar. Nessa faixa do Planalto de Maracaju é possível identificar duas grandes regiões geomorfológicas, uma é a Região dos Planaltos Areníticos-Basálticos-Interiores e a outra Região dos Planaltos da Borda Ocidental da Bacia do Paraná. Originários da unidade litológica da Bacia Sedimentar do Paraná, assentado nas Formações Caiuá do Grupo Bauru e Serra Geral e Botucatu do Grupo São Bento. A região é caracterizada por possuir uma cobertura pedológica do tipo, Latossolo vermelho escuro, com textura média, localizado em terras planas ou suavemente onduladas. Latossolo roxo na porção oeste e noroeste do município. Na região central surge acompanhando o curso do rio Anduizinho em faixa marginal. Além de Areias quartzosas e Solos litólicos. Esse último é encontrado em pouca extensão na porção noroeste do município.

O Sul de Mato Grosso do Sul, antes da chegada dos europeus, era habitado por índios de diversas etnias. A Arqueologia atesta esse fato.

Afirmção feita pelo arqueólogo e professor da UFMS Gilson Rodolfo Martins, que coordena o Laboratório de Pesquisas Arqueológica do Departamento de História do Centro Universitário de Aquidauana revela que não deve ser descartada a possibilidade de terem vivido povos pré-históricos nesta região. Pois já foram encontradas ferramentas de pedra lascada, tecnologia disponível entre culturas, que teriam vivido milhares de anos atrás.

MARTINS (1992:19) argumenta que :

"... somam-se, por todo o Mato Grosso do Sul, centenas de sítios arqueológicos ao ar livre, localizados em pequenas colinas, próximos aos cursos d'água, que formam superfícies de aldeias indígenas já desaparecidas, onde são abundantes os vestígios de cerâmica, sepultamentos, artefatos e resíduos líticos."

A historiadora Alisolete Weingärtner nos adverte que a história da formação da cidade de Campo Grande deve ser remetida a um passado ainda mais distante, para compreender as razões que levaram o mineiro José Antônio Pereira a se instalar com toda sua família no local.

Segundo ela os exploradores europeus nas suas incursões de "conquista" descobriram que as tribos indígenas se utilizavam de caminhos que interligavam várias regiões desde o Peru até o litoral brasileiro, passando pelo atual Estado do Mato Grosso do Sul. A propaganda, da existência de grandes manadas de gado bravo, os ervais e terras férteis e na esteira da

euforia, da busca pela prosperidade é que José Antônio Pereira, acompanhado de seus filhos e alguns escravos, chega a Campo Grande, em 1872.

Elevado a município em 1889, o povoado de Campo Grande cresceu e prosperou com os negócios de gado, proporcionado pelo estabelecimento de fazendas de criação em suas imediações e nos campos de vacaria. O povoado tornou-se um centro de comercialização de gado, de onde partiam comitivas conduzindo boiadas para o Triângulo Mineiro e o Paraguai. Com a construção da estrada boiadeira, ligando Campo grande até as barrancas do Paraná, as boiadas passaram a dirigir-se também para São Paulo, abrindo novo mercado para o gado da região e novas oportunidades de intercâmbio comercial para o povoado.

Segundo o escritor Paulo coelho Machado, a "vila pobre e caipira" tornou-se "próspero empório de gado", atraindo boiadeiros de Uberaba e outros centros, que vinham comprar novilhos de engorda. A demora deles no local fez surgir hotéis, bares, cabarés, casas de jogos, o que intensificou o comércio. Em 1911, segundo nos informa o autor, "decantada pelos seus habitantes, a cidadezinha, com as cintilações da fama, logo começou a atrair forasteiros que chegavam em grandes levas e a vila, em 1911, já tinha cerca de 300 casas e 1.500 habitantes".

A história da cidade iniciada no século passado, com a instalação de fazendas de mineiros, que vieram atraídos pela zona de pasto nativo descrita pelos desbravadores, teve sua ocupação urbana na confluência dos córregos, Prosa e Segredo, no local onde hoje é o Horto Florestal.

O nome "Campo Grande" vem das grandes fazendas onde é praticado a pecuária extensiva e a monocultura da soja, atividades econômicas que exigem grandes extensões de terra e que também traz uma sustentação sócio-econômica e política para a cidade. Nos anos 30 ganhou o título de "Cidade Morena", por causa da poeira vermelha que tudo tomava nos meses secos cheios de vento de julho e agosto. Os campo-grandenses foram obrigados a aprender a conviver com essa adversidade durante muitos anos, suportável em vista dos outros benefícios que a cidade oferecia: terra boa, clima agradável na maior parte do ano e, sobretudo, muita oportunidade de se fazer bons negócios, crescer e prosperar.

A chegada dos trilhos da Noroeste, em 1914, foi um marco decisivo para o crescimento do Estado de Mato Grosso do Sul e da cidade de Campo Grande que despontava como uma das mais progressistas do Estado. Funcionando como "empório" comercial e centro de serviços de uma vasta região, Campo Grande desenvolvia-se e firmava sua liderança no sul do Estado.

QUEIROZ (1997:153) salienta que :

"... no presente século, todo o processo histórico em mato Grosso (e em especial em sua parte meridional, que veio a constituir o Estado de Mato Grosso do Sul) foi afetado em maior ou menor grau com a construção da NOB, pelo afluxo populacional que ela ensejou e pelas alterações que provocou na orientação das correntes comerciais."

Por volta de 1909, definido o trajeto dos trilhos da ferrovia que incluía a vila de Campo Grande em seu traçado, começaram as transformações que dariam origem ao acentuado progresso do município. Até o presente ano, a única rua existente na cidade, era a atual 26 de agosto, sem nome na época e apelidada, depois, "de Rua Velha".

Quando o trem chegou, em 1914, o progresso já estava à sua espera. Segundo dados da Revista Arca de pouco mais de 50 casas de comércio em 1909, tínhamos 200 em 1915. A receita do município, que em 1909 foi de 16 mil contos de réis pulou para 75 mil contos de réis. Surgiram grandes colégios, hotéis e o primeiro jornal - O Estado de Mato Grosso. Além disso, a irregularidade das construções e a necessidade de acompanhar o desenvolvimento da vila, fato

facilmente imaginado pelo grande número de novos moradores que chegavam a cada dia, mais a expectativa com a chegada dos trilhos da estrada de ferro levaram o intendente José Santiago a apresentar projeto da primeira planta da cidade em 1910.

A imigração ganha um novo caminho, trazendo paraguaios, bolivianos e brasileiros de todos os Estados que chegavam diariamente na cidade. A ferrovia trouxe, além do progresso e desenvolvimento para campo Grande, maior disputa entre os políticos da região.

Sobre o crescimento da cidade promovido pela NOB, GARDIM (1999:73) enfatiza que :

"A recente cidade obtém a partir de então um verdadeiro boom de crescimento, no qual a chegada da estrada de ferro tem um papel decisivo. A título de exemplificação, os livros de expediente do governo municipal registram para os anos de 1917 e 1918 muitos pedidos de abertura de firmas, nos mais diversos ramos: oficinas de calçados, casas de comércio, relojaria, barbearia, farmácia, alfaiataria, hospedaria, açougues de bois, porcos, carneiros e cabritos, casas de frutas, fábricas de salame, presunto e carnes conservadas, fábricas de colchões, sabão, padarias e confeitarias, etc., demonstrando o grande impulso tomado por campo Grande já nos primeiros anos de ligação ferroviária com São Paulo."

A ferrovia dominou a cena dos transportes de passageiros e de carga até o final dos anos 50, quando começaram a se implantar as rodovias de melhor tráfego, que com o tempo foram absorvendo o importante papel do trem de ferro. Mesmo com a vinda de modernas máquinas, o trem não conseguiu acompanhar o sistema rodoviário que, além de oferecer maior rapidez e conforto, foi se modernizando a cada ano, superando os velhos vagões da Noroeste do Brasil.

Percebemos portanto que o processo de construção da ferrovia alterou a realidade de Campo Grande e região. Atraiu imigrantes, transformou vilas e arraiais em cidades, estimulou a criação de fazendas voltadas para a agricultura e pecuária. Com seu funcionamento, foram intensificadas as relações comerciais com a região Sudeste do País e com construções de estrada que faziam estas ligações. Somando-se a isso uma transformação no espaço urbano, desde o traçado xadrez de suas ruas até o Código de posturas com diretrizes de ocupação e medidas de higiene e saúde pública, sem contar que seus trilhos fizeram uma divisão simbólica na paisagem urbana, podendo ser observado na área central, o lado de baixo dos trilhos, bairros populares desvalorizados, ao passo que do lado de cima dos trilhos o local dos bairros nobres. Mas as novidades trazidas pela NOB, fascinou por muito tempo a população campograndense.

Hoje a mesma ferrovia que promoveu o desenvolvimento de campo Grande está sendo retirada da área central por atravancar, 85 anos após sua chegada, o próprio desenvolvimento. Permanecendo um patrimônio de valor histórico-cultural um prédio de maior destaque e imponência. Esperamos que não seja destruído esse memorial e sim preservada ou que seja adaptadas intervenções para transformá-lo em outras atividades de prestação de serviços à comunidade. Já que em Campo Grande praticamente não se tem uma tradição de preservar suas celebrações. Constantemente perdem-se exemplares da arquitetura local. Obras engolem um pouco da história da cidade, podendo ser citados como exemplos a demolição por duas vezes (1922 e 1977) da igreja matriz de Santo Antonio, ressurgindo com uma arquitetura ultramoderna, vindo apagar de vez sua história como símbolo originário da cidade, além de não ocupar um lugar de destaque, outro é a demolição, ainda em 1960, do relógio público erigido em 1933 no cruzamento da rua 14 de Julho com a avenida Afonso Pena e mais recentemente a canalização do Córrego Prosa na avenida Fernando Correia da Costa.

Um outro impulso decisivo que contribuiu para a estruturação e o desenvolvimento de Campo Grande e para afirmação de sua liderança foi a transferência, em 1921, do comando da circunscrição Militar, até então sediado em Corumbá, e a construção que essa transferência ensejou, dos quartéis e outros estabelecimentos militares, na cidade.

GARDIM (1999:78) afirma que:

"O início da década de vinte em Campo Grande registra ainda a instalação efetiva do aparelho militar, com seus quartéis, hospital, vila residencial... Formando uma área gigantesca em sua proporcionalidade com o perímetro urbano confeccionado em 1909."

Desde a sua implantação em Campo Grande, o Exército participou ativamente do desenvolvimento local, influenciando na vida do comércio, oferecendo significativa colaboração à educação, na saúde com a construção do Hospital Geral e até na "ordem pública", nos tempos em que o exército fazia o patrulhamento da cidade.

Destaca-se também a presença dos militares em Campo grande como fundamental para a ocupação urbana da cidade fazendo medições da área que compreendia a vila e as chácaras adjacentes. Também em 1922, a Circunscrição Militar do Exército sediava a Companhia de aviação em campo Grande, ativada somente em 1932, para atender a necessidade de abastecimento e manutenção das aeronaves que serviam Mato Grosso. vale lembrar que em 1941, o ministério é criado e a base foi desligada do Exército, transferindo as antigas instalações para a Aeronáutica.

Na atualidade, a área de assentamento militar, vem rep[resentando obstáculos ao desenvolvimento da cidade, entravando alguns eixos de circulação de bairros periféricos, dificultando a integração de tais bairros, enfim a comunicação endógena da cidade com sua periferia pois são grande áreas contínuas que não podem sofrer subdivisões.

Campo Grande, nascida desde 1872 como entreposto para a comercialização de gado, conquistou sua emancipação política em 1889. Os problemas resultantes da falta de luz, da poeira e do barro, eram uma constante na vida campo-grandense. a cidade se resumia a um punhado de ranchos esparramados por sua única rua, a chamada "Rua Velha", atual 26 de agosto. Feitos de pau-a-pique, erguidos na sua maioria em terrenos banhados ao fundo pelo Córrego Prosa e cobertos de telhas de barro "moldadas nas coxas de negros e índios, os ranchos abrigavam cerca de 1.300 habitantes".

Desde o ano de 1899, onde conquistou sua emancipação política, preocupações com o estabelecimento de normas que orientassem a vida da e na cidade, já estavam na ordem do dia da vida cidadina campograndense. Saneamento e limpeza urbana já eram tratados no Código de Posturas datado de 1905. As primeiras medidas voltadas para o ordenamento e crescimento da cidade foram desenvolvidas em 1909. Em 1910, ocorre a demarcação do Perímetro Urbano e sua primeira planta oficial com as diretrizes básicas de expansão, expandindo-se em direção ao Norte. Vale lembrar que o rocio delimitado, era de 6.450 hectares, equivalia a 20% do seu perímetro de 1997 sendo suficiente para abrigar mais de 400 vezes seus 1500 habitantes, ou a população de 611 mil cidadãos que alcançaria somente dois anos atrás, sendo notório nesta época além das preocupações citadas dos administradores públicos, o principal objetivo de embelezar a cidade, tornando-se expressivo que a cidade ía se organizando dentro de uma concepção burguesa de cidade, subjugando a população às necessidades de reprodução do capital, refletindo na organização do espaço urbano.

REZENDE (1997:30) afirma que :

"Não se pode falar em planejamento nessa época. A única preocupação dos administradores públicos em Campo Grande era com a melhoria do traçado viário e com os equipamentos, como a instalação da primeira agência de correios da cidade."

A cidade foi crescendo outras legislações urbanísticas e planos foram surgindo, dividindo a cidade em zonas (comercial, residencial, industrial e mista), definindo tamanho de lotes, localização da central de abastecimento de água, prevendo áreas para construção de escolas, centros de saúde, praças, infra-estrutura para loteamentos, etc.

À medida em que a mancha urbana se expandia, apresentando novos e complexos problemas exigindo soluções, procurava-se adequar mecanismo de ações estratégicas, como ocorrido a partir de 1960, o novo processo de desenvolvimento, tendo uma acentuada expansão do capitalismo através da colonização de regiões e com uma mudança brutal na produção agrícola como mecanização, cultivo de monocultura em grande escala, investimentos compactos de capitais e insumos, sendo a "região da grande Dourados" o principal ponto de referência. Esse fato desencadeou um fluxo migratório de fazendeiros, vindos principalmente da região Sul do Brasil e expulsão de pequenos agricultores do campo, ocasionando o "inchaço" na cidade, isso repercutiu no espaço urbano de Campo Grande, obrigando os administradores públicos alterar o código de obras, criação de inúmeros projetos oficiais de conjuntos habitacionais através do BNH e COHA, implantação de loteamentos a maioria localizados em áreas distantes do centro comercial e destinados à população de baixa renda, que mesmo passados trinta anos, continuam sendo limítrofes ao perímetro urbano.

OLIVEIRA NETO (1999:135) analisa essa questão argumentando que :

"Outro surto de desenvolvimento de campo Grande aconteceu nas década de 1960 e 1970, com o estabelecimento da 'Frotera Agrícola', na região de Dourados, ao sul do Estado. Com o avanço do capital monopolista no campo, o cultivo em monoculturas e uma intensa mecanização, foi inevitável o êxodo rural e o 'inchaço' das cidades que serviam como pólos atrativos regionais. Dentre elas, Campo Grande e Dourados. E, em 1979, foi efetivada a divisão de Mato Grosso, com a implantação do Estado de Mato Grosso do Sul. Desta feita, uma nova onda de crescimento tomou conta de Campo Grande que foi escolhida para ser a sua capital."

A cidade tornou-se dispersa criando verdadeiros vazios, devido à grande expansão horizontal possibilitada pela ausência de barreiras físicas, pelo grande perímetro urbano definido para a cidade e especulação imobiliária, dentre outros fatores. O espaço físico permaneceu muito grande em relação à demanda populacional. Esta situação dificulta o oferecimento de infra-estrutura e de equipamentos sociais, principalmente de saúde e educação, devido aos altos custos, atingindo especialmente as camadas de baixa renda, devido ao encarecimento dos serviços públicos.

REZENDE (1997:73) identifica quatro fases distintas nas formas de controle do crescimento e desenvolvimento urbano de Campo Grande :

"1ª fase dos Códigos de Posturas que pode-se delimitá-la entre 1905 e 1941... 2ª fase dos Códigos de Obras, iniciou-se em 1941 e foi até 1973... 3ª fase dos planos encomendados a firmas privadas em 1973 e término em 1978... 4ª fase iniciada em 1987 com a criação do primeiro órgão de planejamento urbano de Campo Grande."

Analisando essa mesma questão OLIVEIRA NETO (1999:71) afirma que:

"Campo Grande não nasceu em uma prancheta, como são os casos de Belo Horizonte, Goiânia, Brasília e, mais recentemente, Palmas de Tocantins. Entretanto, teve o seu desenho de cidade definido a partir da planta de expansão urbana, do engenheiro Nilo Javari Barém, em 1909 (portanto uma década após ter conseguido a sua emancipação política). A partir daí, tornou-se uma constante a atuação dos sucessivos governos do município e do estado, na tentativa de ordenar o seu crescimento, que após a chegada da linha férrea, mostrou-se sempre acima da taxa de crescimento populacional brasileira. Durante anos seguidos, foram elaborados diversos dispositivos legais que diziam respeito aos espaços públicos da cidade e estando de acordo com as preocupações de trânsito e circulação, deram grandes contribuições para a concretude do seu atual traçado viário. Como no caso do código de obras, nas suas versões de 1941, 1965 e 1979."

Com relação a história urbanística, é contada através de sua arquitetura, ligada aos movimentos estéticos formulados por arquitetos brasileiros. Uma história que coloca Campo Grande em sintonia com os estilos em voga no resto do País. Dando uma característica de cidade que incorporou um desenvolvimento dentro da lógica urbana capitalista. Como afirma GARDIM (1999:26) :

"No último ano do século XIX, Campo Grande transforma-se em vila, passando à condição de aspirante à vida dita civilizada, adotando procedimentos de normatização na medida em que organiza o quadro político municipal. No anseio de incorporar-se ao mundo moderno, Campo Grande introduz na sua paisagem de povoado de uma rua só elementos urbanísticos típicos, utilizados pelas maiores cidades mundiais."

O pré-modernismo arquitetônico chegou a Campo Grande entre os anos 30 e 40. Depois, essa arte começa a se verticalizar. A mesma mudança ocorrida aqui, com a verticalização das construções, dando origem aos primeiros edifícios acontecia em todo o país. Isso vem comprovar a identificação de Campo Grande com os movimentos arquitetônicos ocorridos no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Os anos 50 é apontado como a época em que o modernismo atingiu as construções de Campo Grande. Em várias partes do país, a arquitetura moderna ocupava seu espaço com projetos de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, trazendo a linguagem de edifício imponente, único, que se impõem no quarteirão - concreto, vidro, cobertura plana fazendo parte do estilo.

A verticalização da cidade é um fato que se consuma em 1960, com a construção de edifícios de apartamentos que obedeciam a um padrão: lojas comerciais no térreo, garagem subterrânea e apartamentos nos andares superiores.

Campo Grande segue mais uma vez as tendências da arquitetura que se produzia em São Paulo a partir de 1970. Uma nova expressão chamada "brutalismo" começa a surgir nas construções da cidade, fazendo uso de materiais em estado bruto - pedra e concreto aparente, vidro.

A Capital entra na pós-modernidade nos 90, que é a busca do passado com elementos materiais arquitetônicos modernos: vidro, lajota, concreto, dando uma vaga lembrança de algo que já existiu.

Com relação a atividade agropecuária o município de Campo Grande nunca teve na agricultura sua principal atividade, que inclusive apresenta uma constante queda na área plantada.

Campo Grande destaca-se como um "cinturão verde" de grande importância econômica e de abastecimento interno da cidade muito escasso. Já a situação da pecuária é diferente. Ao longo dos anos pode-se observar uma evolução constante em relação ao rebanho bovino.

Com base em dados de estudos do perfil sócio econômico de Campo Grande realizado pela Prefeitura municipal, a economia rural do município é reflexo de sua estrutura fundiária, onde há um predomínio de propriedades acima de mil hectares, que correspondem a 97,9% do total da área e totalizam um número de 213 propriedades. Nessas áreas existe a predominância da atividade pecuária de bovinos. As propriedades com área inferior a cem hectares totalizam 519 e correspondem a 2,13% da área do município

Nas pequenas e médias propriedades é que se encontram os produtores mais diversificados e responsáveis pelo abastecimento de frutigranjeiros para a capital. Cabe lembrar que campo grande ainda é importador de produtos frutigranjeiros de outros Estados, em especial São Paulo, principalmente devido à sua falta de regularidade na oferta local. Em 1997, apesar do aumento da produção local, ainda temos 72% dos consumos de Campo Grande oriundos de outros Estados. Isto indica claramente uma definição de políticas para aumentar a produção e sua regularidade.

Com relação à industrialização, o núcleo industrial conta com 80 lotes, onde as 26 empresas dos mais diversos setores estão instaladas, contando com uma infra-estrutura básica de serviços e ramal ferroviário da Rede Ferroviária Federal, hoje Ferropasa.

Após alguns anos de estagnação e com sérias deficiências de infra-estrutura, de habitação e de controle ambiental, busca-se hoje a revitalização do núcleo industrial e seu entorno.

Apesar de o Núcleo concentrar empresas de grande porte, existe uma forte pulverização de indústrias em toda a zona urbana de Campo Grande, principalmente a periférica da cidade. Hoje o município sofre um processo de desindustrialização.

Pesquisa realizada pelo DEA/CCHS/UFMS, publicada em 1999 -Competitividade e Modernização Tecnológica das Indústrias de Campo Grande- fez um acompanhamento das principais atividades estruturais do setor industrial, apreendendo a dinâmica conjuntural do setor industrial demonstrando que há um certo frágil desempenho de produtividade por parte destas.

A concentração do comércio e serviços estão diretamente ligada à concentração da população e à entrada de redes nacionais que oferecem produtos variados na capital. É comum a migração de pessoas do interior do Estado para realizar suas compras na capital. A maioria dos estabelecimentos comerciais são do comércio varejista destacando-se o setor de alimentação, isso desencadeou um outro setor forte, o comércio atacadista com maior representatividade na área de alimentos bebidas e fumo. Já o setor de serviços vem aumentando sua participação relativa na arrecadação estadual, acompanhando o desenvolvimento do comércio.

O município de Campo Grande possui uma elevada concentração de população na área urbana, o que pode parecer um contra-senso, já que a economia do Estado foi baseada no setor rural. Tal fato justifica-se em função do modo de produção comercial e em algumas atividades intensivas em capital.

Campo Grande sempre teve uma pequena expressão na agricultura e nos últimos anos vem perdendo importância relativa no setor industrial. O comércio e serviços são os maiores geradores de impostos e de empregos diretos na economia da capital.

Situada praticamente no lugar geométrico da então região sul, esta posição assegurou ao município a condição de centro irradiador de impulsos desenvolvimentistas, sociopolíticos e econômicos para todo o Estado de Mato Grosso do Sul.

A palavra progresso como algo representativo da riqueza advinda do comércio, da agricultura e da pecuária, funcionou sempre como signo emblemático de uma cidade considerada o grande corredor, por onde transitavam os que vinham em busca de riqueza fácil.

Trilhando cada dia caminho rumo ao crescimento, buscando abolir o acaso e a desorganização, em 1909 já havia pronto um loteamento para acolher os planos desenvolvimentista da NOB, prosseguindo com medidas visando o ordenamento da cidade bem como sua ampliação, foram traçado outras ruas, criação de novas fronteiras de ocupação dentro de um padrão de alinhamento de ruas e praças.

Isso veio dando a Campo Grande sua feição mais característica: ruas largas, quadras ortogonais e terrenos grandes. Traçou-se a avenida principal atual Afonso Pena, com 50 metros de largura, e mais quatorze ruas com 20 metros, projetos sendo moldados até resultar na malha urbana que foi concebida inicialmente por um sistema viário em xadrez com largas e extensas ruas e avenidas que, com o crescimento da cidade, transformou-se em radial, sem planejamento, cujas principais ruas são os antigos corredores boiadeiros que davam acesso ao quadrilátero central, bem definido, formado pela Avenida Calógeras, Rua 7 de Setembro, Rua 25 de Dezembro e Avenida Mato Grosso. Da pavimentação asfáltica inicial da Rua 14 de Julho, executada na década de 30, que não atingia dez mil metros quadrados, hoje contabilizam aproximadamente 12 milhões e vale lembrar que a cidade não tem 50% da área de suas ruas pavimentadas.

Com vistas a ordenar o crescimento e desenvolvimento da cidade, iniciado pelo Código de Postura em 1905, passando pela primeira demarcação do seu perímetro urbano em 1910, entre outros, até chegar à elaboração da Lei de Uso e Ocupação do Solo em 1988, em 1995 é definido as diretrizes visando um crescimento planejado da cidade, tendo como objetivo mais amplo estabelecer parâmetros para o processo de desenvolvimento local a partir da compreensão global dos fenômenos políticos, sociais, econômicos e financeiros.

Dessa forma a cidade foi dividida em regiões urbanas conforme suas características próprias, sendo denominadas, segundo seu Plano Diretor de 1995 da seguinte forma: Centro, Segredo, Prosa, Bandeira, Imbirussu, Anhanduizinho, Lagoa, Rochedinho e Anhanduí, como proposta de um melhor desenvolvimento urbano, pois verificou-se que campo Grande é uma cidade com um território urbano de 33.404 ha inteiramente permeado de áreas não edificadas e o espaço que está ocupado é pouco adensado, além disso, alguns serviços de infra estrutura básica e social são desigualmente distribuídos. Juntando-se a isso apresenta grandes concentrações habitacionais na periferia, embora a maior oferta de empregos e trabalho encontra-se localizada na região central ou mesmo em outros lugares onde não se moram. Conseqüentemente há uma grande mobilidade de pessoas dentro da cidade, sem contar que as formas de moradia popular estão distribuídas em conjuntos habitacionais, loteamentos sociais favelas que em sua maioria são irregulares, assentamentos, vilas que localizam-se muitas vezes em áreas precárias, frágeis como fundo de vale e com grande escassez de serviços básicos e como via de regra estão na mais remota periferia.

Até o final dos anos 50, Campo Grande teve "controle" sobre seu crescimento apesar do grande aumento da população, mas, a forma como se processava o ordenamento do espaço urbano, fez com que uma parcela substancial da população, reivindicasse a implantação de um órgão responsável por essa função. A partir de então houve a necessidade de dar subsídios que servisse de apoio a todos os segmentos que estivessem, preocupados com a necessidade de um crescimento planejado da cidade.

A necessidade de um planejamento para as cidades é imperiosa, pois investimentos já existentes ou em andamento demandam uma profunda análise para equacionar e até prever os problemas resultantes dos mesmos. Realizações de intervenções urbanas são no sentido de sanar situações que podem ser objeto de grande transtorno e estrangulamento no processo da

ocupação urbana e do bem-estar social e assim proporcionar um crescimento e desenvolvimento adequado a realidade atual da cidade e com vistas ao futuro.

Antes do final da primeira década do século, Campo Grande já tinha planejado seu primeiro loteamento, demarcado seu perímetro urbano e definido um Código de Posturas que determinava a forma de ocupação do solo e construções de edificações. De lá para cá, passaram pela cidade os mais célebres urbanistas do país, foi criado órgãos e conselho, discutiram-se a Lei de Uso do Solo, elaboraram-se Plano Diretor calcado em conceitos arrojados. No entanto estas renovadas demonstrações de preocupação com o planejamento urbano, não conseguiram impedir que a cidade perdesse o controle de seu desenvolvimento ainda nos anos 60. Atualmente o saldo de tudo isso é o desafio comum às outras cidades brasileiras, falta de água, esgoto, transporte, iluminação pública, tratamento do lixo e equipamentos coletivos, favelas e tantos vazios urbanos, baixa qualidade de vida e grandes problemas ambientais. É aí que se encontra a importância do planejamento real e não do ideal, o apregoado.

Campo Grande, já na metade dos anos 50, passou ser atropelada pelos projetos macros e megas dos planos de desenvolvimento, elocubrados nos gabinetes de Brasília para o país inteiro. A cidade começou conhecendo de perto a ineficiência das legislações desplugadas da realidade, aprendeu o caminho da corrupção e o descaso para com o futuro, rompendo com a tradição de expandir-se sempre com base em seu traçado original e em áreas contíguas às já ocupadas. A partir de 1959 até os anos 80, varre a cidade a "insensatez da fatura", fazendo uma grande conta que está sendo cobrada agora. Vive-se a crise das "soluções universais".

Planejar não é só ditar regras do uso e da ocupação do solo. Mas a história de Campo Grande mostra que é a partir daí que tudo toma forma. 1987 foi um divisor de águas para o ordenamento da cidade. É criado o PLANURB, primeiro órgão municipal dedicado ao planejamento urbano. No ano seguinte, Campo Grande conquistou a primeira Lei de Uso do Solo. Sete anos mais tarde, em 1995, a cidade criou um outro Plano Diretor elaborado a partir da exigência instituída na Constituição Federal de 1988, mas ainda se faz necessário a introdução de uma nova lógica de ocupação no território da cidade para uma melhor distribuição e ocupação de áreas nos vários setores existentes.

A definição de uma melhor política de desenvolvimento e de expansão da cidade com vistas a uma melhor utilização do espaço urbano do Município se faz necessária, objetivando assegurar que a cidade cumpra a sua função social, através da utilização justa e equilibrada de seu território, visando o pleno desenvolvimento do seu potencial econômico e geração de empregos e exercício da cidadania.

Portanto a cidade representa uma forma de transformação do espaço geográfico realizada pela humanidade. As atividades socioeconômicas urbanas, as intensas atividades humanas urbanas, de maneira geral, são fatores responsáveis por tal modificação. Isso vem influenciar entre outros fatores no clima original da cidade, no balanço de energia, trazendo consequências à qualidade ambiental, afetando o regime hídrico das precipitações pluviais e da disponibilidade de água no solo. Portanto o clima é parte fundamental na compreensão do espaço, tanto como insumo de energia no sistema, quanto como regulador dos processos a eles inerentes. Referindo a produção do espaço urbano da cidade de Campo Grande-MS e sua expansão, percebe-se que grandes transformações surgiram na cidade ao longo da história. Alterou-se a composição paisagística da região, provocando mudanças ambientais próprias dos grandes centros urbanos deste tempo. Nesse sentido, o crescimento da área urbano desta cidade já pode ser responsável pelas alterações do clima local, gerando transformações ambientais, que repercutem na vida da cidade.

Dessa forma o trabalho que hora vem sendo realizado visa estudar identificar e caracterizar o clima local da cidade de Campo grande-MS, reconhecer seu ritmo, suas excepcionalidades e relacionar a produção do espaço urbano com as alterações climáticas locais.

Para a realização dos objetivos propostos foram determinados setores de áreas a partir de análise da carta hipsométrica e a carta de uso e ocupação do solo urbano da cidade de Campo Grande-MS. Nessas áreas setorizadas foram instalados postos meteorológicos que fornecerão as variações do clima local. Foram feitas coletas de dados (temperatura, umidade, vento, pressão e precipitação) na estação meteorológica da Base Aérea da cidade, num seguimento temporal de 39 anos(1960-1999). Esses elementos também serão coletados das estações de experimento instaladas e operacionalizadas.

Por ser uma pesquisa ainda em andamento, os dados obtidos das áreas setorizadas serão correlacionados com os da estação meteorológica a fim de que se possa obter as conclusões gerais e caracterizar o clima local da cidade.